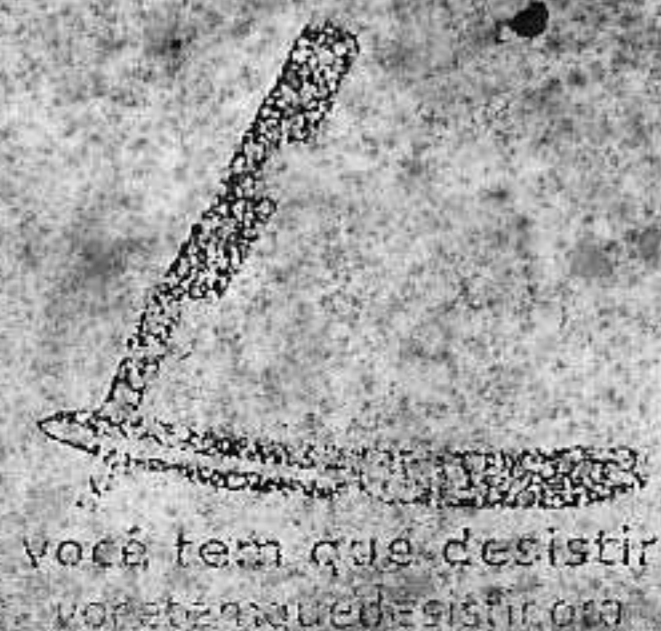


**Selvagem - da anarquia à selvageria** é uma reunião de fragmentos selecionados dos escritos de Catarina Disangelista, fundadora e mentora intelectual do coletivo *Você Tem Que Desistir*. Representa o que um animal doméstico pôde apreender durante uma vida e vomitar em artigos não lineares, que dialogam e conflituam entre si. Neles são abordados temas como anarquismo (e sua forma livre de charlatanismos: a anarquia), civilização, divisão social do trabalho, domesticação, sustentabilidade, tecnologia, massificação, cultura, dentre outros. Algumas áreas também abordadas, ainda que tangencialmente, sinalizam a preocupação da autora com assuntos como feminismo e direitos animais. O que você tem em mãos é o primeiro volume de uma obra dividida em duas partes: uma dedicada à reflexão teórica sobre o que tem levado a autora e seu coletivo a desistirem de tudo o que tinham, para buscarem outras formas de vida e de ação; e a segunda parte, que será publicada em um outro volume, já está sendo escrita, emergindo das conclusões parciais a que estão chegando enquanto, esgotadas as vias da anarquia, experimentam a selvageria na tentativa de resolver seus conflitos como pessoas não-civilizadas.



# SELVAGE

DA ANARQUIA À SELVAGERIA

DA ANARQUIA À SELVAGERIA

# INTRODU

INTRODUÇÃO

Demorou um pouco até que me considerasse uma anarquista, mesmo estando envolvida com atividades e pessoas fortemente relacionadas à ideia há um bom tempo. O motivo – eu legava – era que "não havia lido o bastante" para considerar-me anarquista, como se para isso precisasse passar em algum exame. Mas, acho que no fundo era porque não tinha desvendado o tal conceito (e a prática) para ter certeza de que me identificava. Também, nunca me identifiquei totalmente com nada – inclusive porque isso não é uma necessidade real para mim –, e creio que pelo mesmo motivo. Tinha mais certeza daquilo que rechaçava do daquilo que queria.

Pará mim, nunca pareceu coerente me matar de trabalhar e tentar comprar de volta a vida em produtos e entretenimentos. Nunca vi nenhum glamour em uma vida sedentária, domesticada e confortável, às vezes compensada por algumas horas de academia.

Minha concepção de sociedade livre, desde o início, foi de uma sociedade sem muitos avanços materiais, sem uma divisão social do trabalho instituída, sem tecnologias avançadas. Ou seja, sem o perfil construído em uma sociedade altamente hierárquica, controladora, competitiva, que enxerga a vida e a natureza como recursos a serem usados indiscriminadamente.

Sem os fatores de coerção, competição, sem a ameaça de ser presa ou de perder o emprego e morrer sem comida e abrigo, não conseguia ver modos de desenvolver uma sociedade complexa e sofisticada como a nossa. Assim, deduzi cedo que uma busca pela libertação passaria, de uma forma ou de outra, por uma simplificação das estruturas sociais que, por sua vez, impossibilitaria grandes avanços técnicos e científicos.

Outros fatores que me levaram a questionar o progresso material e científico foram a sustentabilidade e a real necessidade do mesmo. Primeiro, porque é claro que não é possível transformar montanhas em latinhas de cerveja, florestas em papel, petróleo em combustível e plástico, para sempre. As propostas de reciclagem e de desenvolvimento sustentável nunca me convenceram totalmente, principalmente quando vinham das próprias empresas e do estado – porque por mais que se recicle, matéria e recursos não renováveis serão gastos até que não haja mais de onde extrair. A nossa

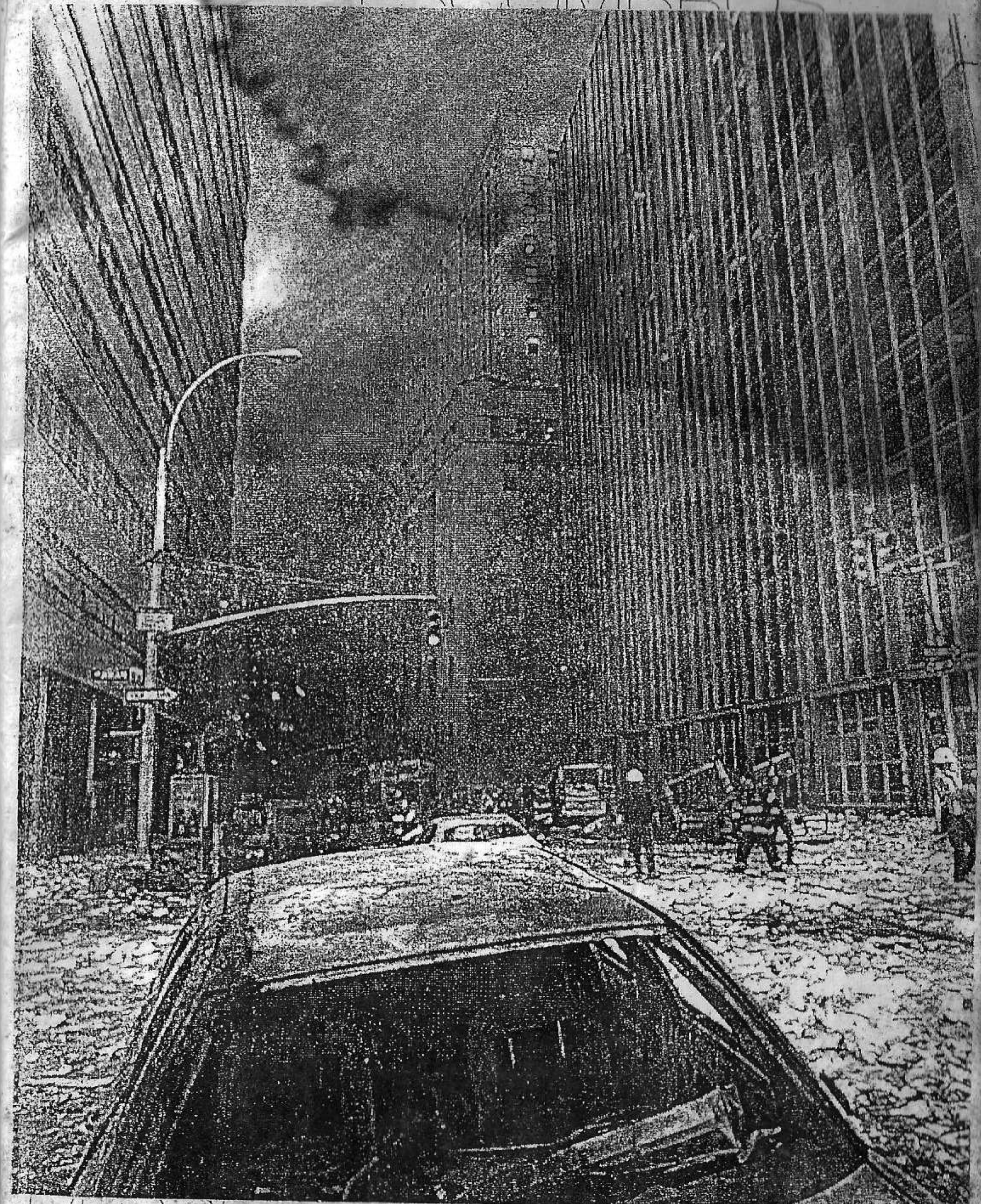
economia é expansiva, mas o planeta permanece do mesmo tamanho. Em segundo lugar, porque as demandas por novos produtos

e tecnologias não são uma necessidade inerente à nossa sobrevivência, mas tendências criadas pelos rumos do trabalho, do consumo, do mercado, da publicidade. Isso indica que, se quisermos algo realmente sustentável, é melhor o construirmos nós mesmos.

Logo que me assumi como anárquica, o fiz sem me apegar ao que diziam os famosos teóricos anarquistas barbudos. Talvez, por perceber que anarquia tem mais a ver comigo mesma, aqui e agora. Não estou diminuindo o trabalho deles, nem dizendo que não acho válido o que disseram e fizeram. Provavelmente, condiziam com seu tempo e com eles mesmos. E hoje, são base para reflexão e desenvolvimento de muitas ideias. Mas os teóricos barbudos, mortos há pelo menos um século, são tão alheios à minha vida quanto os burocratas e empresários com quem divido o mundo hoje. Por isso, valorizo mais o que eu penso e crio do que o que eles pensaram ou acharam ser melhor. E é essa postura que espero dos leitores deste texto. Cada pessoa é capaz de escolher o melhor para si e não conheço nada mais anárquico que isso.

Depois que conheci a crítica radical à civilização, algumas compreensões mudaram, muitas foram embora. Mas, o mais interessante é que sinto que grande parte das coisas que pensava não mudou, apenas se tornou mais contundente e pontual. Como se a descrença na civilização fosse um caminho "natural", por onde passaria o raciocínio que estava desenhando a partir do que debatia, lia, aprendia e do que eu mesma criava. Meu pensamento já caminhava para uma total desconfiança nas verdades a respeito da nossa cultura e do nosso papel neste planeta, repetidas diariamente desde que nascemos. E, quem sabe, escrever sobre isso possa despertar a atenção de pessoas que têm sentido uma desconfiança semelhante diante dessas verdades, que se mostram cada dia mais frágeis e insuficientes para explicar os problemas que nossa sociedade apresenta e que parecem ficar mais incontornáveis.

# ESCOMBROS



I. DOS ESCOMBROS DESSE MUNDO

1 Ser radical é buscar a raiz de alguma questão; enquanto ser extremista é ir até as últimas consequências. Nenhuma das duas

palavras me incomoda por si só, pois não vejo problema em ser radicalmente contra certas ideologias e práticas e em buscar o extremo oposto delas. O ideal aristotélico de equilíbrio, que condena qualquer "radicalismo" por buscar os extremos (vícios) e não o centro (virtudes), costuma ser a base da argumentação dos que defendem uma misteriosa "neutralidade". Você conhece alguém que não é radicalmente contra a escravidão de afrodescendentes? Que acha o extremismo condenável em qualquer que seja sua forma? Que a aceita em alguns casos específicos? Aposto que não. A escravidão não é um ponto neutro, ou seja, o centro, em que ser contra ou a favor são extremos opostos na questão. A escravidão simplesmente já é um extremo e ninguém chama de radicais, extremistas ou terroristas aqueles que se opõem a ela, porque tanto as leis quanto o senso comum a condenam há algum tempo. Para melhor julgarmos nossas visões de mundo, precisamos nos questionar se o ponto de onde partimos é realmente um ponto neutro que divide dois extremos, ou se o vemos como neutro apenas por estarmos habituados a conviver com ele por muito tempo.

A cultura nos ensina uma maneira de se fazer certas coisas. Não raro, tomamos o que ela nos ensina como o modo como as coisas são feitas. O abismo entre estas duas noções é enorme, mas raramente o enxergamos. O hábito é capaz de tornar qualquer ação algo normal aos nossos olhos. Tendemos a ver o mundo em que vivemos como neutro, e qualquer discordância ou variação como "extremismo" — logo, não saudável. Isso contribui para que visões radicais (como a anarquia) sejam vistas como um fundamentalismo doentio, comprometendo um entendimento das reflexões envolvidas. Mas, isso não salva uma visão libertária de se tornar um novo mundo "neutro" e "normal" para as pessoas envolvidas nele. Um mundo ao qual nos deixamos nos apegar, nos tornando resistentes diante de um novo questionamento. A crítica à civilização é um desses novos questionamentos que causa polêmica inclusive entre os anarquistas mais "radicais".

2

À medida que a sociedade se massifica e se torna cada vez mais complexa, o leque de ofícios, áreas de conhecimento, produtos, serviços vai se desdobrando. A especialização se torna a regra. A segmentação das atividades cotidianas, nas quais empenhamos nossos esforços, em setores aparentemente desconexos (alimentação, vestuário, habitação, lazer, entretenimento, trabalho, educação), se torna mais contundente. A divisão social do trabalho nos transforma em especialistas e reduz o alcance de nossas capacidades. Assim, quando ficamos doentes, se temos fome, se queremos uma casa para morar, precisamos encontrar pessoas competentes para nos fornecer determinado produto ou serviço por um preço.

A educação institucional apresenta o sistema (do qual faz parte como uma ferramenta de controle e domesticação) e a sociedade como a melhor das opções possíveis, onde cabe, no máximo, realizar algumas reformas, achar "gente honesta e competente" no comando para tocar o projeto de uma melhor maneira. Enquanto isso, apresenta o indivíduo como uma peça que, ao mesmo tempo, integra e depende do sistema para existir. De fato, a divisão social do trabalho torna essa ideologia uma realidade bem palpável, uma vez que a especialização nos ensina diversas formas de sermos dependentes da sociedade de massa. Esta última, assim, não me parece uma livre associação, mas a imposição de uma ordem alienante e opressora, mantida sob duras penas. A busca por uma sociedade justa e livre passa, então, pelo fortalecimento da autonomia individual, pelo fortalecimento dos pequenos grupos ou coletivos, pela desburocratização da vida e pela participação ativa em todas as atividades necessárias para nossa sobrevivência.

3

A vida nos ambientes urbanos eclipsa de diversas formas a natureza. No entanto, a privação do natural é equilibrada pela sua representação em escala reduzida e controlada. Se nos distanciamos dos ambientes naturais e da relação direta com ele, podemos ter a sensação de ainda estarmos conectados ao comprar roupas de camping, carros esportivos, documentários sobre a vida selvagem, casas de campo, pacotes de turismo ecológicos, e diversos outros meros escapismos — não muito além dos limites estéticos — que ajudam no equilíbrio de tensões da vida civilizada.

Onde é mais fácil de encontrar animais enjaulados? Em moradias rurais, onde pássaros pousam sobre o telhado e nas janelas, onde peixes nadam a poucos metros, onde lobos, cães, veados e cavalos passeiam por perto ou em um apartamento no oitavo andar de um prédio em uma grande cidade? A lógica é simples: só precisamos nos assegurar daquilo que mais temos medo de perder. Não porque as coisas boas sejam em si escassas e efêmeras: elas são assim nesse mundo miserável e domesticado, que reprime nossos desejos para nos vendê-los mais tarde.

4  
4  
A sustentabilidade das nossas atividades econômicas é uma das principais preocupações hoje na nossa sociedade. Grupos, ONGs, empresas, estados, mídia e indivíduos propõem projetos, eventos, encontros, debates e ações para corrigir os danos ambientais e sociais que nossos hábitos têm causado. Infelizmente, muitas das medidas adotadas tendem a ser correções dos efeitos e não das causas dos problemas.

As pessoas se preocupam com o impacto de seu consumo. As empresas se preocupam com sua imagem perante essas pessoas e retocam o que podem na sua maquiagem: usam papel reciclado nos seus estabelecimentos, patrocinam eventos de conscientização, tratam de reduzir a emissão de poluentes, mudam alguma matéria-prima de seus produtos para produtos reutilizados ou bio-alguma-coisa. Enfim, uma maquiagem que até pode reduzir a velocidade com a qual corremos para o precipício, mas que não resolve o problema. Substituir algumas matérias-primas por outras mais ecológicas ou incentivar o "consumo consciente" não significa muito, se mantemos o processo industrial e a economia intactos. O modo de produção industrial é ecologicamente insustentável, uma vez que é linear: extrai matéria-prima; processa; industrializa; vende; e descarta materiais que são acumulados em algum lugar isolado. Apenas um esboço grosseiro, mas que nos ajuda a visualizar o todo. A natureza, no entanto, não é linear, mas um arranjo cíclico e interligado que não esgota nada, não inutiliza nada, nem transforma nenhuma substância em um risco tóxico para todos os seus membros; ela conecta as regiões, a matéria e a vida como uma rede. Nossa civilização já não sabe o que fazer com o lixo produzido – ou seja, a matéria que descartou e não tem mais utilidade – e teme o dia em que os recursos necessários para sua existência simplesmente desapareçam.

Um estilo de vida desses é obviamente insustentável e somente substituí-lo em larga escala poderá reverter o processo. No entanto,

phot  
ated  
/ 6  
Mar  
alguns acreditam que colocar um selo verde escrito "orgânico", "reciclado" ou "biodegradável" nos mesmos produtos será um caminho para a solução. Não basta transformar o já existente e problemático em algo novo e sustentável. Não é um detalhe que faz o projeto ser defeituoso e sim sua concepção. Por exemplo, as campanhas para se usar mais bicicletas nas cidades grandes não podem ser aplicadas em larga escala. Quem mora em uma megalópole muitas vezes tem que atravessar dezenas de quilômetros da casa para o local de trabalho e deste para onde estuda. É inviável percorrer essas distâncias em bicicletas num ambiente hostil das grandes cidades. Não é apenas um vício consumista de conforto e glamour que contribui para a existência da "sociedade do automóvel", mas a concepção de urbanização em si que configura a

cidade para os carros e os carros para a vida urbana. Tentar manter a mesma vida e a mesma rotina sobre uma bicicleta não vai ajudar muito. Mas não é esse o problema para quem vive em comunidades menores onde moradia, sustento, conhecimento e diversão não só estão próximos, como também interligados.

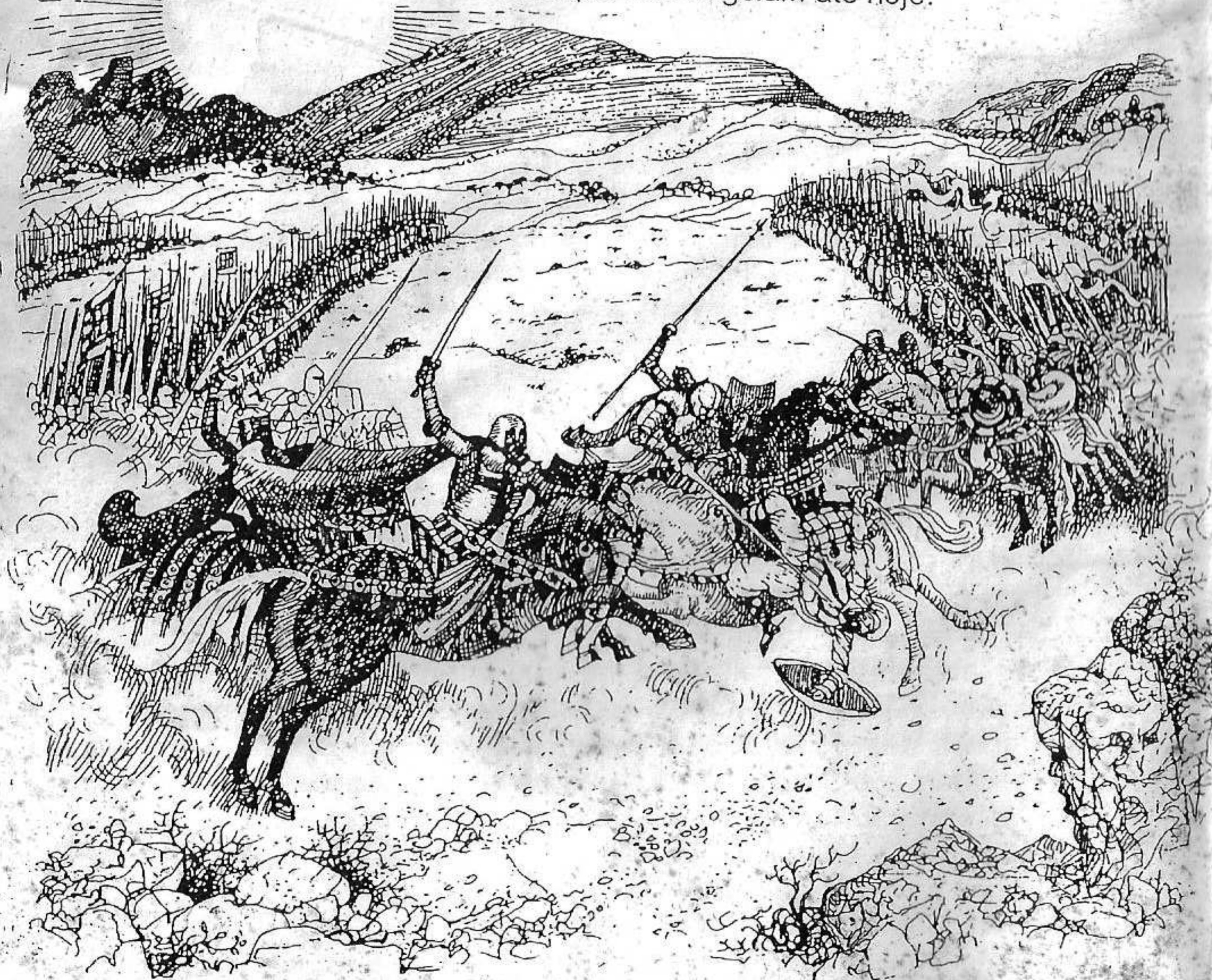
5  
Assim como quando o assunto é sustentabilidade, socialmente falando, os problemas do industrialismo e da massificação das sociedades não podem ser resolvidos apenas colocando uma bandeira vermelha e preta no topo das fábricas, das escolas, das igrejas, dos hospitais ou da mídia. A ideologia burguesa de produção se entranhou em nossa cultura de tal forma, que mesmo os que lutam por uma opção radical trazem suas bases intactas. Tomar o controle das fábricas ou universidades nos libertará da condição de escravos do estado ou do capital para nos tornar escravos de nós mesmos. É como se desejássemos uma revolução para que tomemos o controle da cadeia sem cogitar sair dela.

O modelo industrial não é neutro, a tecnologia também não. Assim como não são neutros o estado, o governo e os processos neles envolvidos. Todos são redes de instituições e relações complexas que existem garantindo certos interesses específicos daqueles que se apropriaram delas. Precisamos parar de enxergar todas elas como condições naturais, verdadeiras e absolutas. São produtos culturais que materializam uma lógica de autoridade, controle, hierarquia, dominação, domesticação que precisamos interromper o quanto antes, se quisermos tomar o controle sobre nossas próprias vidas.

Seja o que for que uma (ou mais) nova cultura coloque no lugar, deve romper com esses pilares ou repetirá eternamente o mesmo ciclo de revolução e traição, que já virou lugar comum, quando alguns almejam tomar o poder e não destruí-lo. O industrialismo, a sociedade de massas, a divisão social do trabalho, a propriedade privada, o estado são instituições destrutivas e predatórias em si, e não interessa sob qual bandeira, constituição, princípios, leis ou dogmas elas estejam.

6

Quando falamos de radical, falamos de raiz. Descobrir a raiz da civilização é descobrir a raiz da hierarquia, da apropriação da natureza (domesticação), da propriedade privada, da escravidão, da autoridade, do trabalho, do estado, da divisão social do trabalho e de diversas outras mazelas que nos flagelam até hoje.



Alienados do processo de produção de alimentos porque poucos têm o controle sobre ele; comendo produtos venenosos que só agradam ao nosso paladar viciado e debilitam nossos organismos; ficando doentes e dependentes de remédios e tratamentos; populações famintas e nações obesas... Algo aconteceu para que deixássemos uma vida interligada e em harmonia com a natureza para adotarmos uma vida em guerra com a mesma. Nosso estilo de vida parece depender da destruição do planeta e da multiplicação da miséria. Nada que fazemos para contornar a situação parece resolver o problema, mas apenas amenizá-lo. Alguma coisa aconteceu para que chegássemos ao dia em que passamos a viver em ambientes artificiais e insalubres, com uma população que cresce de maneira descontrolada e ameaçadora, alimentada por uma produção insustentável. O que aconteceu pode ainda ser obscuro, mas está cada vez mais claro que o modo como vivemos está destruindo o planeta e nós mesmos.

A agricultura permitiu a sedentarização das comunidades humanas que deram origem à nossa sociedade cerca de 10 mil anos atrás e ao crescimento populacional – que continua até hoje e fica cada vez mais acelerado. Para muitos, ela foi e é como uma bênção, pois permitiu que seres humanos deixassem de ser "reféns da natureza" para serem "senhores da natureza". A disponibilidade de alimentos não dependia mais de fatores externos e estes podiam ser controlados e determinados por nós mesmos. No entanto, isso que vemos como uma bênção é também o início de muitos problemas.

Todas as populações da comunidade da vida estão sujeitas a uma limitação natural quanto ao número de indivíduos. Esses limites são determinados por vários fatores, como a disponibilidade de água, luz, temperatura, espaço e alimento. No caso dos animais, e mais especificamente dos mamíferos, a disponibilidade de alimento é um dos mais importantes dentre os fatores que vão limitar o número de indivíduos de sua população. Se há alimento disponível, a população tem para onde crescer. Quando o alimento disponível diminui, a população acompanha essa diminuição. Claro que não é um processo instantâneo, mas uma tendência que pode ser observada no decorrer de um prazo.

Isso se aplica com rigor nas comunidades selvagens – besouros, bonobos, ratos, águias e humanos em comunidades tribais. Quando estamos falando dos seres humanos que escolheram se alimentar quase que 100% daquilo que cultivam, o quadro muda radicalmente.

Se há alimento e a população tem para onde crescer, ela fatalmente

crece. Nessa lógica, se ela está crescendo, invariavelmente tem de haver alimento em abundância. Isso é óbvio porque nossos corpos são construídos a partir do que comemos, e logo seria difícil uma população crescer se a quantidade de comida estabilizou, ou mesmo se tornar estável sendo que a quantidade de comida disponível diminuiu.

As populações naturalmente limitadas crescem de acordo com a quantidade do alimento disponível e quanto mais a população cresce, menor é a taxa de crescimento. Ou seja, quanto maior o número de indivíduos, mais difícil fica para a população crescer. Isso leva a uma estabilidade e eventualmente a uma diminuição populacional. No entanto, a nossa população aumenta cada vez mais e cada vez mais rápido.\* Graças à agricultura, somos os únicos seres vivos que conseguem jogar o próprio número de indivíduos para além daquele que a natureza consegue manter sem uma intervenção antrópica sistemática e rigorosa. Esse comportamento é visivelmente perigoso e suas consequências são claras hoje em dia: crescimento populacional acelerado e descontrolado; consumo predatório de recursos; degradação dos solos, dos mares, do ar e da água; destruição de ambientes naturais; extermínio de indivíduos e espécies (200 espécies são extintas por ano); fome.

Como animais, estamos sujeitos às mesmas leis da natureza que regulam qualquer espécie no planeta e a violação dessas leis (a civilização se fundamenta nessa violação) culmina em consequências desastrosas, que podem demorar anos, séculos ou milênios, mas nunca deixam de chegar.

8) Dar-nos conta de que a subsistência baseada na agricultura é uma agressão contra o planeta e um catalisador para o surgimento de uma organização tão brutal e desumana como as cidades pode ser enxergar que a questão é mais profunda e que a mudança não está somente em repensar o que consumir, mas mudar a forma como vemos o mundo e a forma como vivemos. Isso é muito mais do que uma perspectiva moral, e não é apenas com boicotes ou alternativas de consumo que vamos mudar o quadro.

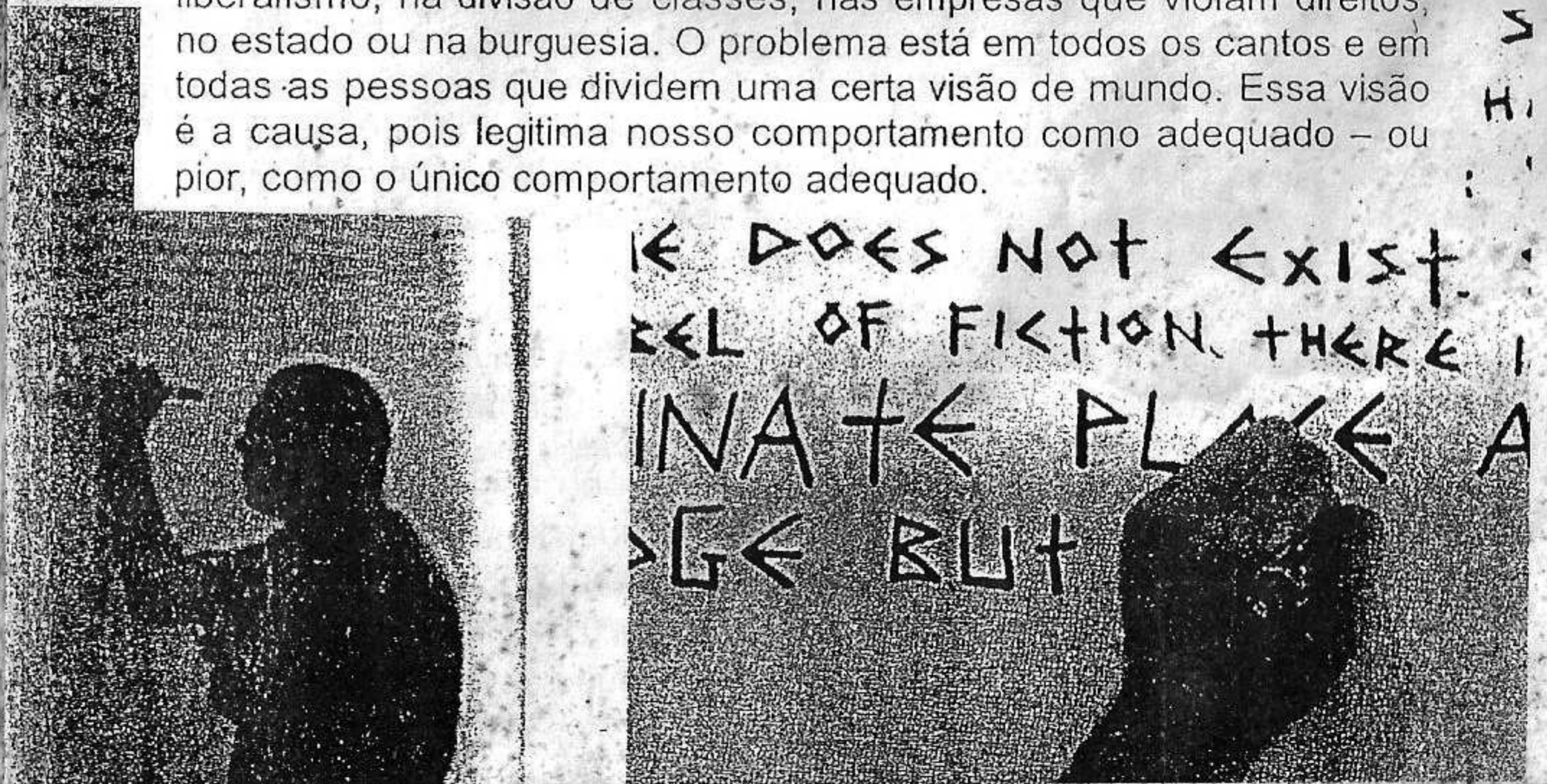
Quando falamos de direitos animais e veganismo, por exemplo, estamos questionando um aspecto de nossa cultura – o animal não humano como propriedade do humano. A principal medida para reverter o quadro existe e é eficiente: abolir do cotidiano a utilização de produtos e serviços advindos da transformação de um animal em propriedade. Isso é relativamente muito fácil, porque uma vida sem

produtos de origem animal na alimentação, no vestuário, entre outros, é possível, pois as alternativas existem e estão ao alcance de qualquer pessoa. O mesmo se aplica com relação à luta contra o racismo, a homofobia, o sexismo. Não precisamos esperar por nada para abolir tais práticas do nosso cotidiano, pois todos temos plena condição de fazê-lo. Precisamos apenas concordar que são inaceitáveis e buscar nos desvencilhar disso por vontade e esforço próprios.

Quando colocamos toda uma cultura em questão, não podemos simplesmente dizer que somos contra e assim "boicotá-la". Até porque simplesmente romper com a civilização não vai impedir que seu curso expansivo e assimilador cubra todo o mundo de concreto. Não podemos trocar de cultura como trocamos de roupa. É um processo lento e cuidadoso, até porque ainda não temos nada que seja eficiente para por no lugar e que esteja ao alcance de todos. Qualquer coisa que quisermos colocar no lugar, temos que construir do zero. Nesse caso, o estabelecimento de uma postura moral não é suficiente e pode até ser contraproducente. Precisamos mudar a nossa visão de mundo e criar o novo a partir de nós e de onde estamos. Uma nova moral será uma consequência e não uma prerrogativa. O que vivenciamos hoje dentro da civilização são quase sete bilhões de pessoas tentando fazer as mesmas coisas. É óbvio que o planeta não suportará isso por muito tempo, mesmo se parássemos de nos reproduzir descontroladamente – o que não está acontecendo. Não estaremos fazendo muito se acreditarmos que devemos todos os sete bilhões de humanos tomar as mesmas providências.

É preciso visualizar o problema como um todo para detectar suas causas. E ele não está apenas no sistema econômico, no neoliberalismo, na divisão de classes, nas empresas que violam direitos, no estado ou na burguesia. O problema está em todos os cantos e em todas as pessoas que dividem uma certa visão de mundo. Essa visão é a causa, pois legitima nosso comportamento como adequado – ou pior, como o único comportamento adequado.

IT DOES NOT EXIST  
BEL OF FICTION THERE  
INA TE PLU A  
G BUT





**FOME**  
para

**Nos temos tudo  
para produzir mais.**



09  
91

Agricultura é proporcionar a manutenção das espécies vegetais que preferimos. Ela tem sido praticada desde os mais remotos tempos e não causou nenhum distúrbio entre as populações humanas. Foi somente há 10 mil anos que ela começou a gerar alguns efeitos colaterais. Mas estou falando de um modo particular de agricultura, que herdamos de alguns povos que começaram a executá-la na região hoje do Iraque. Antes deles, vários povos plantavam vegetais que lhes interessavam, porém não baseavam seu sustento no plantio.

Priorizavam a coleta direta dos vegetais que nasciam nas selvas e a caça. O diferencial que havia nesses povos da Mesopotâmia é que eles passaram a dedicar 100% do tempo ao cultivo de 100% do que necessitavam. E isso demandou uma nova forma de agricultura: a agricultura totalitária.

Para ser eficiente a curto prazo, essa técnica devia ter uma característica nova: considerar apenas os interesses do povo que a executa. Uma determinada porção de terra era demarcada e tudo dentro dela agora teria donos. Esses donos determinavam o que iria ser cultivado ali, e qualquer outra coisa que não fosse desejada seria eliminada. Assim como aquilo que predasse o que fosse desejado, também seria eliminado. Esse tipo de prática nos exclui de uma relação de igualdade com as demais espécies e outros povos que não se interessam em cultivar tudo o que precisam.

Competir por recursos e alimentos é algo que ocorre com sucesso na natureza. Cercar um território, determinar quem vai crescer para nos alimentar, destruir o alimento de outros e destruir os outros são inovações da nossa cultura.



O-que essa inovação na produção de alimentos proporcionou pareceu mais claro agora. Sem ela, seria impossível se fixar em um único lugar e aumentar a população. E foi isso que aconteceu como consequência da disponibilidade de alimentos e da visão de que esse era o modo mais eficiente e seguro de se sustentar.

O sentido da existência da história pode continuar o mesmo – mostrar de onde viemos e para onde estamos indo. Porém, os momentos históricos que mostram de onde exatamente viemos devem mudar de relevância. O que a Revolução Francesa, por exemplo, gerou para nossa cultura pode ser ofuscado quando nos damos conta do que a revolução agrícola dos povos da Mesopotâmia deu à luz. O fundamental, mais do que superar o capitalismo ou a democracia burguesa (apenas configurações recentes da civilização), passou a ser superar essa visão ao mesmo tempo etnocêntrica e antropocêntrica de que o mundo pertence a nós.

O bom selvagem estigmatizou para sempre qualquer um que tente extrair exemplos positivos da vida tribal. O mito sugere que o ser humano é bom, puro e inocente quando em seu estado "natural", ou seja, não civilizado. A sociedade, portanto, corromperia sua índole em meio a tentações e fetiches.

O selvagem não é mais o modelo de bondade e de nobreza, e não existe mais natureza humana maligna a ser dominada. No entanto, os seres humanos que vivem além das fronteiras de nossa cultura continuam sendo vistos como seres "primitivos" que "ainda" vivem coletando o que encontram na natureza, ao invés de cultivar tudo o que precisam. São "atrasados", brutos e ignorantes. Esses termos podem chocar os antropólogos mais relativistas, mas não são uma afronta, são termos que ouvimos e lemos no dia-a-dia para designar comunidades tribais. São palavras-chaves para o discurso civilizado, pois refletem a ideia de que a história é uma marcha linear por onde passa a humanidade (é assim que os civilizados chamam a si mesmos). Os povos não civilizados não estão "ainda" em alguma idade (da pedra ou do que quiserem chamar). Eles simplesmente são outras culturas vivendo seus próprios momentos históricos. Não são mais nobres ou mais inocentes nem mais brutos ou ignorantes. São diferentes em vários aspectos e não estão atrasados ou excluídos da grande marcha da "humanidade".

Isso pode ir de encontro ao lema hobbesiano de que o ser humano é corrupto e mau por natureza. As duas teorias tiveram sua função no pensamento ocidental. A primeira, toma o selvagem como bom e incapaz de gerar conflitos uma vez que vive isolado. No entanto, esse isolamento o permite considerar apenas a si próprio e o seu egoísmo sem pensar em consequências. Ou seja, o selvagem pode ser "bom", mas era inconsequente, anti-social e só se importava com ele mesmo. A segunda tem o não-civilizado como bruto, inculto e legitima a existência de um estado e de um soberano com rigor o suficiente para manter a ordem e impedir a guerra de todos contra todos; reforça o mito de que essa é a melhor maneira de se viver, oculta o fato de que competição e guerra são inovações da nossa cultura e nos desencoraja de qualquer tentativa de abrir os grilhões da civilização. O curioso é que mesmo a decadência desses mitos tem uma função parecida hoje em dia, justificando a civilização e nos mantendo alienados de alguns fatos.



Pode ser intrigante para nós perceber que povos "primitivos", "carentes" de recursos dão tão certo e levam uma vida tão confortável com pouco esforço. Os povos selvagens desfrutam do que a natureza oferece, também cultivam em alguns momentos, dividem o que têm entre os membros da tribo de uma forma surpreendentemente igualitária – do contrário, não estariam vivos e unidos até hoje. Quando alguém tenta chamar a atenção para isso, logo é acusada de idealista, pois "o bom selvagem é um mito". De fato é um mito de que o selvagem é bom por natureza. Qualquer indivíduo que vive em uma

tribo é tão capaz de ser egoísta, violento, vingativo e mesquinho quanto um de nós. Mas não é ser bom – ou que nós gostamos de chamar de "bom" – que determina quem vai sobreviver ou não no decorrer dos tempos, e sim aquilo que pode ser praticado por tempo indeterminado e gerando bem-estar para todos os membros – o que é sustentável. A civilização já mostrou que não tem essas características. Por que alguns ainda insistem que devemos continuar?

Depois de desconfiar do selvagem, só restou crer no cidadão de bem, aquele que faz a sua parte como acredita todos deveriam fazer para que os desonestos e incompetentes sejam expurgados do sistema e

ele enfim possa funcionar com justiça e liberdade para todas as pessoas. Aquelas pessoas que têm fé na civilização acreditam que ela é o melhor projeto de vida já criado e que se não está dando certo, é

por má vontade de uns poucos corruptos egoístas. Elas pagam seus impostos em dia como se não houvesse amanhã. Elas acreditam na punição e no sistema penitenciário como correção e educação. Acreditam que quem compra drogas é que financia o crime

organizado. Elas confiam nas tecnologias que trarão a solução para a

destruição do planeta e cura para as doenças. Elas trabalham e fazem planos de subir na vida e garantir que seus filhos tenham um

futuro e uma vida "melhores" do que elas tiveram. Elas acham que o sistema político e econômico é um contrato que elas realmente assinaram. Elas amam a democracia e se sentem participantes escolhendo fantoches pré-arranjados e apresentados pelas mesmas

estratégias publicitárias que apresentam

desodorantes

ou sapatos.



12.



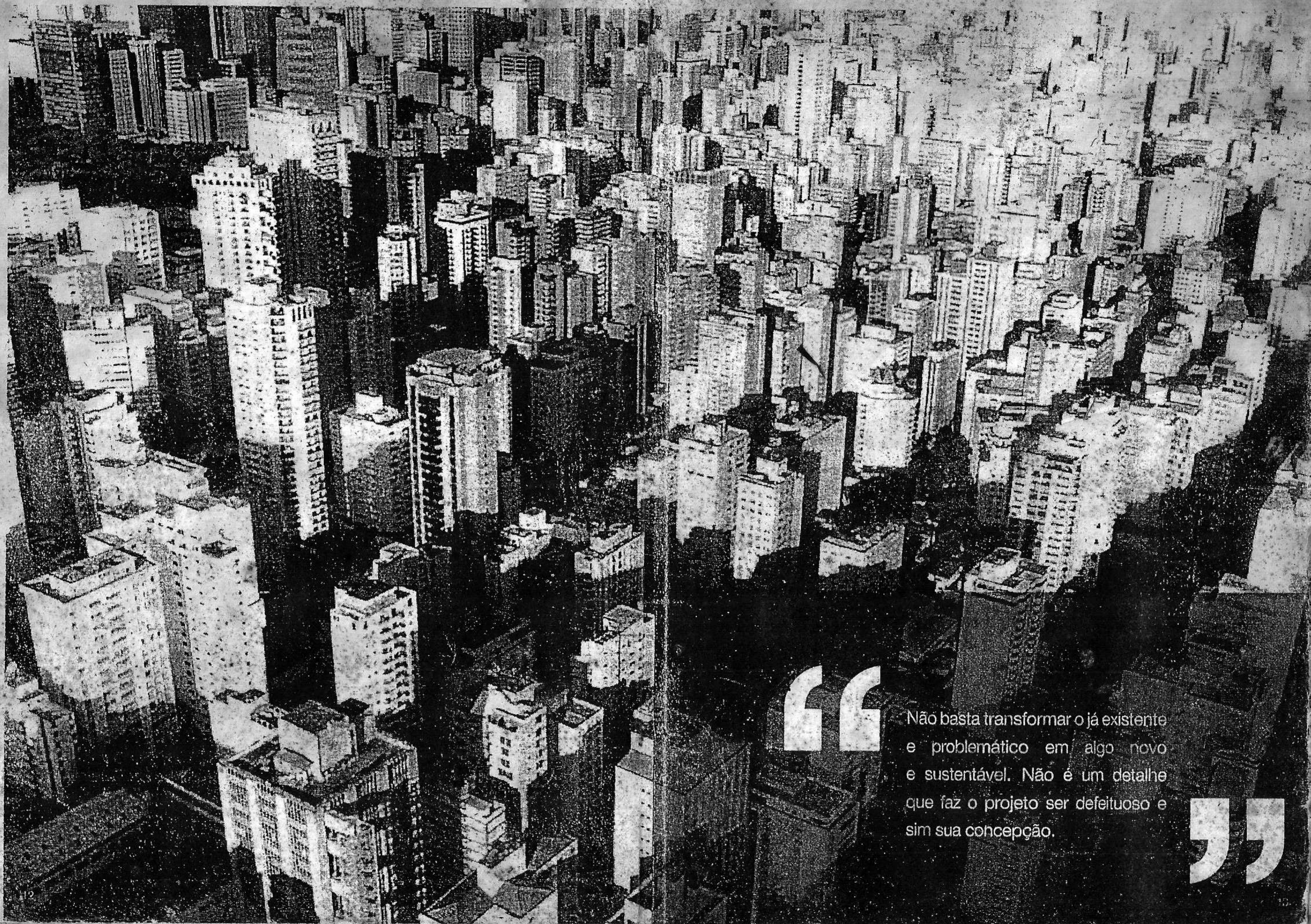
12. Como qualquer outra sociedade, a nossa tem seus mitos, mas nem sempre os reconhecemos como tal. Nossa história ainda é uma marcha de revolução em revolução, de guerra em guerra, de descoberta em descoberta, rumo à superação da bruta condição primitiva na qual surgimos e tentamos negar do momento em que acordamos ao instante em que deitamos para dormir. As utopias também são uma espécie de mito, mas que, ao invés de explicar e justificar o passado, idealizam uma sociedade futura.

Vivemos uma combinação de mito e utopia vinte e quatro horas por dia quando modelamos o passado de modo a justificar nossa atual condição como um avanço, e este como algo necessário; também quando aprisionamos o presente a condições supostamente fundamentais para se atingir o tal ideal e ao projetarmos o futuro como um bem sucedido desfecho que reafirme e, no máximo, reforme tudo



o que já fazemos - mesmo quando isso não demonstra atingir resultados satisfatórios. Não importa quantas cadeias construímos, a criminalidade continua crescendo. Não importa quanta comida produzimos, a fome e a miséria continuam aumentando. Não importa em quem votamos, a corrupção está sempre presente. E nunca questionamos se o modo como tentamos levar nossas vidas é realmente eficiente ou não.

Quando as pessoas questionam se em uma sociedade anárquica conseguiríamos ter garantia de segurança, saúde, igualdade, conforto e justiça, eu questiono se em nossa sociedade nós temos tais garantias. Quem poderia afirmar que estamos a salvo da violência, da injustiça, da desigualdade? Tudo isso está cada dia mais presente nas nossas vidas e ficamos cada dia mais acostumadas. Ruptura ou manutenção da ordem, o futuro é incerto e não importa a escolha que vamos tomar. O arquétipo comunista de sociedade igualitária na abundância material é tão escorregadio quanto a ideia de que a vida tribal é perfeita e que deveríamos tentar copiar o que fazem os pirahãs da Amazônia, ou aborígenes australianos. Não é tão simples, entretanto temos indícios suficientes para imaginar o que vai acontecer se continuarmos apostando nas mesmas propostas. A civilização conseguiu em 10 mil anos nos colocar sob riscos que nenhuma outra cultura conseguiu em 200 mil anos de homo sapiens.



“

Não basta transformar o já existente e problemático em algo novo e sustentável. Não é um detalhe que faz o projeto ser defeituoso e sim sua concepção.

”

O açúcar branco é a sacarose isolada pelo refinamento do caldo da cana-de-açúcar. Não é um alimento encontrado pronto na natureza, sendo necessário ser isolado e concentrado por processos industriais. Consequentemente, não é um alimento saudável. A natureza nos fornece alimentos completos, com nutrientes correlacionados, não substâncias isoladas. Fomos adaptados para digerir a glicose encontrada nas frutas, nos tubérculos, nos cereais, e não a superdose introduzida com o açúcar refinado. Essa alta dosagem de glicose de uma só vez desestabiliza nosso metabolismo, provocando perda de minerais como o cálcio, magnésio, dentre outros.

Sua ingestão regular pode causar diversos problemas de saúde como: osteoporose, obesidade, câncer, cárie, reumatismo e diabetes melito. A diabetes é o melhor exemplo de como uma substância criada artificialmente pode danificar para sempre nosso organismo – isso porque a função de tal composto é unicamente ser saboroso. Se quiser levar uma vida saudável, a pessoa que desenvolve diabetes deverá fazer o que todos já devíamos fazer: levar uma alimentação sem açúcar branco. O impressionante é que até 300 anos atrás ninguém usava aditivos doces nas refeições diárias. Hoje em dia, muitas pessoas diabéticas veem na abstenção do açúcar um empecilho para encontrar prazer na sua alimentação.

A divisão do trabalho permite que as atividades necessárias para a manutenção da sociedade massificada sejam divididas entre as classes sociais. A cada classe compete um determinado tipo de atividade e a cada tipo de atividade cabe uma remuneração. Quanto mais complexa a sociedade, maior a gama de atividades (e remunerações). O termo divisão social do trabalho é o mais adequado e completo, uma vez que as barreiras de classe determinam os diferentes trabalhos e remunerações – a faxineira não realiza a atividade do engenheiro, e muito menos ganha um salário próximo ao valor do salário deste. E vice-versa.

Abrigo, alimento, saúde e higiene são demandas de cada indivíduo e, logo, de toda a sociedade ao mesmo tempo. No entanto, as atividades necessárias para que disponhamos desses itens estão divididas socialmente de uma forma desigual. Ou seja, as demandas são de todos igualmente, mas o trabalho realizado para o suprimento delas não é dividido de forma igualitária. Alguns trabalham mais que outros, alguns sujam as mãos mais que outros, mas alguns – que não são estes – são mais bem remunerados.

Algumas de nossas atividades cotidianas podem ser mais prazerosas que outras. Mas o domínio da realização de todas elas é indispensável para fundamentar a autonomia individual e para a superação do estado de alienação que nos mantém reféns daqueles que detêm o monopólio do capital, das ferramentas, da terra, do conhecimento e da tecnologia que sustentam a sociedade de massas. Mesmo assim, tendemos a dar mais atenção às atividades mais prazerosas.

A divisão social do trabalho permite àqueles que possuem maiores recursos relegar a maior parte do trabalho sujo a outras pessoas que a realizam em troca de um salário ou alguma outra recompensa. Quanto maiores os recursos financeiros, maior a capacidade de relegar a outros as atividades necessárias, porém não tão prazerosas. É uma maneira de "refinar" a vida, extraindo dela apenas o supressimo do prazer, como se o resto não existisse – exatamente como fazemos com a sacarose da cana-de-açúcar.

Essa prática é embasada em uma maneira de ver o mundo entranhada em nossos hábitos. Aprendemos que é melhor lutar por um bom emprego, um alto salário, para que possamos pagar àqueles que pertencem a uma classe social inferior para que sujem as mãos por nós enquanto desfrutamos do "melhor" que a "vida" tem para oferecer. Todos os garçons, cozinheiras, porteiros, faxineiras, vigilantes, entregadores, secretárias e motoristas sabem do que estou falando.

Não é de se estranhar que quando uma catástrofe natural ou uma guerra colocam uma grande população à mercê dela mesma da noite para o dia, sem estado e infraestruturas básicas (abrigo, alimento, saúde e higiene), ela seja acometida por diversas outras tragédias. Como vimos nos recente exemplos em Nova Orleans, no Haiti, no Iraque, grupos se organizam para saquear, a violência se torna incontrolável, doenças se espalham, pessoas morrem por falta de serviços médicos, de saneamento e de comida. Elas não apenas não estão preparadas para viver sem a administração estatal, sem hierarquias, como também não conseguem lidar sozinhas com a manutenção de suas necessidades básicas, pois as estruturas físicas e sociais da divisão do trabalho simplesmente evaporaram sem ninguém ter ensinado como obter tudo aquilo de outra maneira que não pagando para que outros cuidem disso para elas.

14 Algumas pessoas costumam visualizar aqueles que estão fora do topo da pirâmide social como crianças inocentes, vítimas de pais egoístas e cruéis. Ou seja, impotentes frente à autoridade do estado e do capital, obrigados a obedecer e se resignar com as regras do jogo impostas de cima. Essas crianças precisariam ser libertas por outros adultos esclarecidos (os revolucionários que leram os livros certos e se solidarizam com a classe dos pobres oprimidos) que os conduziram para fora desse ambiente familiar violento, para viverem sob a tutela de novos pais mais justos e que valorizam a "igualdade" e a "liberdade".

No entanto, há outra forma de encarar a situação. Quem não conhece algum caso típico de violência contra a mulher? Na vida real, num filme ou em uma novela, facilmente encontramos o arquétipo daquela mulher oprimida pelo marido, que faz tudo para lhe agradar e recebe desrespeito e violência como retribuição, mas mesmo assim não o abandona ou o denuncia. Estima-se que mais da metade das mulheres agredidas sofram caladas. Para elas é difícil dar um basta naquela situação. Muitas sentem vergonha ou dependem emocionalmente ou financeiramente do agressor; outras acham que "foi só daquela vez" ou que, no fundo, são elas as culpadas pela violência; outras não falam nada por causa dos filhos, porque têm medo de apanhar ainda mais ou porque não querem prejudicar o agressor, que pode ser preso ou condenado socialmente. E ainda tem também aquela ideia do "ruim com ele, pior sem ele".

A nossa cultura também pode ser analisada a partir desse cenário. Somos levados a crer que dependemos da nossa sociedade em vários níveis, e tendemos a nos acomodar com a situação mesmo quando nos sentimos insatisfeitos com ela. Pensamos que se não estamos bem, é porque não trabalhamos o suficiente, ou não fomos bons o bastante. A pobreza se torna responsabilidade do pobre que não soube aproveitar as oportunidades que surgiram à sua frente ou que não se esforçou para subir na vida. Tememos o que temos a perder, principalmente quando temos filhos ou outras pessoas que dependem economicamente de nós. Não estamos dispostos a apostar naquilo sobre o que achamos não ter total controle ou que não podemos prever exatamente os resultados. Não conseguimos imaginar algo que vá para além do caminho linear que nossa história vem percorrendo há milênios, rumo ao desenvolvimento racional, científico, progressista.

Assim como no caso da mulher presa na armadilha da violência doméstica, nos tornamos mais vulneráveis e submissas quando acreditamos que dependemos dessa relação com nossa cultura e nossa sociedade para sobreviver. Quanto mais convencidas de que não somos nada sem nossa cultura, de que "ruim com ela, pior sem ela", mais difícil fica de imaginar que é possível nos libertar. E essa tarefa cabe a cada um, pois mesmo que recebamos algum auxílio que nos guie para fora dessa condição, só a superaremos se apostarmos numa possibilidade para além dela.

Não precisamos de um novo guia, uma nova tutela, uma nova vanguarda, um novo exército de libertação, um novo modelo universal a ser aplicado em todo o mundo. Não precisamos ser libertos, precisamos nos libertar. E não faremos isso enquanto aceitarmos nossa dependência em relação às instituições do trabalho e do estado, à burocracia, à sociedade de massas e à domesticação.

15 Acostumamo-nos a pensar que mesmo não estando muito bem hoje, estamos melhor do que nossos antepassados e, logicamente, se continuarmos nos trilhos do progresso, amanhã será melhor que hoje. Ou seja, se a ciência, a razão, a tecnologia têm se mostrado efetivas em tornar nossas vidas melhores e nosso mundo mais prático e divertido, por que abandonar tudo e sair em busca do desconhecido? Por que trocar o "certo" pelo "duvidoso"?

Quando dizemos que estamos numa situação melhor do que a de nossos antepassados, geralmente fazemos uma análise parcial. Se levamos em consideração a forma como nos comunicamos, como nos deslocamos, como lidamos com as doenças que antigamente eram fatais ou como construímos nossas casas, veremos, é claro, que houve um desenvolvimento e que nesses quesitos estamos muito mais "bem servidos" que as populações urbanas de alguns séculos atrás. O acesso aos confortos da vida moderna estão disponíveis às várias camadas sociais, porém o número de pessoas que vivem à margem desse sistema é muito maior do que o número de pessoas confortavelmente arranjadas. Para se ter uma idéia, existem muito mais escravos hoje em dia do que durante a época do colonialismo (27 milhões segundo relatório da ONU de dezembro de 2008).

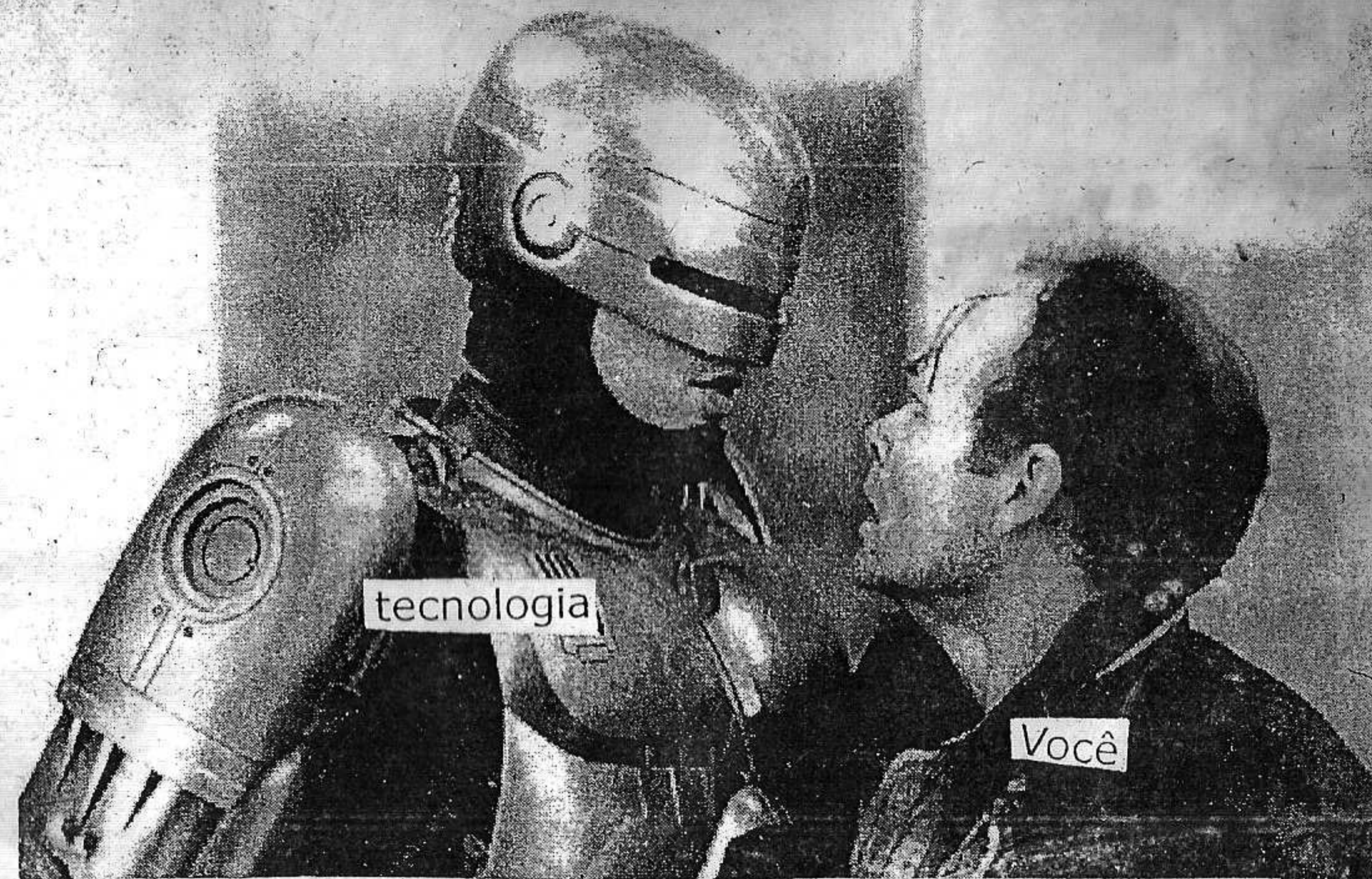
Temos televisões, celulares, uma medicina avançada, uma engenharia arrojada e tecnologia de produção de alimentos em uma dimensão nunca vista antes. Mas também nunca tivemos tanta destruição ambiental, uma população tão grande, tantas doenças degenerativas (conhecidas como doenças do homem moderno), tanta concentração de terras e o fosso que separa os mais ricos dos mais pobres: nunca foi tão grande. Além disso, a globalização cultural padroniza e esmaga a diversidade e impõe uma única cultura em todo o globo. Mesmo assim, insistimos que estamos melhores que as gerações anteriores e que para melhorar ainda mais nossa condição atual, basta repetir as receitas já executadas e nos mantermos na linha reta do progresso e da razão para que continuemos nossa grande marcha para frente, rumo a um paraíso distante.

16

Dizer que a tecnologia não é neutra é diferente de dizer que a solução para os problemas causados pelo industrialismo e pela razão instrumental serão contornados pela simples abstenção do uso de alguns produtos ou de certos recursos tecnológicos.

No contexto civilizado, tecnologia é um conjunto de instituições que produzem conhecimento científico para ser aplicado de uma determinada forma segundo interesses específicos. A produção do conhecimento em nossa sociedade está voltada para a produção industrial e serve aos interesses do capital privado e do estado. Tais instituições são controladas por elites econômicas e políticas — de cujos membros muitas vezes são os mesmos. A tecnologia é, portanto, instrumento da produção capitalista e ferramenta de controle social, uma vez que atende aos interesses de quem determina sua aplicação e direciona seu desenvolvimento.

No entanto, fora desse contexto, a tecnologia é simplesmente conhecimento empírico transformado em desenvolvimento material e técnico. Em uma sociedade hierárquica e centralizada, ela estará nas mãos de quem ocupa espaço no topo e sua função, obviamente, será a de perpetuar essa condição — assim como as demais instituições que nos alienam das atividades básicas para guiar nossas vidas. Mas se a produção de conhecimento e sua aplicação acontecem entre indivíduos ou entre pequenos grupos não estratificados e não hierarquizados, seu direcionamento é determinado pelas mesmas pessoas que a colocam em prática — elas não dependem daquilo que foi projetado por uma minoria no poder, que tem interesses em se manter nele.



Em nossa sociedade é praticamente impossível imaginar um momento do nosso cotidiano em que não estejamos usufruindo da tecnologia que representa o interesse da elite e que tem como função reproduzir o status quo. Afinal, tudo que nela é produzido é proporcionado pela divisão social do trabalho, pela especialização, pela propriedade privada e pela centralização do poder. Porém, não temos outra realidade de onde partir. Temos que construir nossa visão de mundo a partir do que temos agora. Metarreclagem, permacultura, autogestão, veganismo, medicina faça-você-mesma, pedagogia libertária, dentre outras coisas, são exemplos de como podemos usar o conhecimento já produzido e disponível para inverter o ciclo da alienação, a fim de criarmos e desfrutarmos, desde já, do mundo em que queremos viver.

Para nos livrarmos da ideologia do progresso, devemos desmistificar seus bons exemplos. Imaginar um povo, um país ou uma cultura como ideal a ser reproduzido é incentivo para que não desistamos de tapar os buracos da civilização capitalista e continuemos a sonhar com o dia em que todos seremos uma Noruega. O funcionamento da civilização pode ser analisado a partir de suas células centrais: as cidades.

A cidade é o exemplo máximo de como energia é desperdiçada e de como a força é uma ferramenta fundamental para a manutenção de

uma organização insustentável. Ela possui zonas nobres e periféricas, geográfica e/ou economicamente falando. Existe uma separação física clara entre os habitantes que trabalham duro e os que administram a máquina burocrática estatal e privada ou movem as

B5, C2, C4, F4, D1, #1

instituições científicas. Fora de seus limites urbanos, encontramos o grosso da produção agropecuária para alimentação e da extração de matéria-prima que a abastece.

O mundo civilizado obedece a uma lógica parecida. Como o cristal que reproduz a forma de prisma das partículas que o constituem. Só existem Noruegas porque existem Etiópias, Indonésias, Haitis. Tomar uma nação como exemplo de sucesso é tão absurdo quanto tomar um bairro nobre de uma cidade como prova de que o capitalismo funciona.

Tomemos como exemplo um caso recente: as granjas da empresa Carroll, situada em La Glória, distrito de Perote, México, uma subsidiária da multinacional Smithfield Foods. La Glória ficou conhecida por ser o primeiro local a confirmar casos de gripe suína. É uma das cidades mais pobres do México, mas mesmo assim a granja é um exemplo de produtividade: mais de um milhão de porcos por ano. As condições nas quais são criados os animais não são lá tão exemplares: suas fezes e urina são depositadas em tanques de oxidação a céu aberto, sobre cuja superfície densas nuvens de moscas se reproduzem. A indústria tornou infernal a vida dos moradores de La Glória que, situados em nível inferior na encosta da serra, recebem as águas poluídas nos riachos e lençóis freáticos. As Granjas Carroll haviam sido expulsas da Virgínia e da Carolina do Norte por danos ambientais. Dentro das normas do Nafta, puderam transferir-se em 1994 para Perote, com o apoio do governo mexicano. Pelo tratado, a empresa norte-americana não está sujeita ao controle das autoridades do país.

Se não houvesse a pobreza, a mão de obra barata, a negligência com as leis ambientais e de proteção dos direitos humanos e todo o contexto de colapso das periferias do capitalismo, o primeiro mundo não teria sua matéria-prima, seus eletrodomésticos de última geração, seus tênis sofisticados, sua comida balanceada, nem seus lucros ensanguentados.

Como pedras dispostas aleatoriamente em um saco, a civilização se ajeita para diminuir os danos que apareceram a partir de seu próprio surgimento. Mas nossa miopia histórica nos convence de que estamos mais uma vez dando um "passo a frente". Certos problemas que enfrentamos até hoje são consequências da adoção do modelo antropocêntrico de agricultura, da aglomeração populacional em centros urbanos, da estratificação social e da divisão do trabalho. Como exemplo, temos as epidemias e as pestes que varreram

idades ou países inteiros desde a história antiga. O surgimento e a proliferação de tais germes e vírus só foram possíveis com grandes populações de animais domesticados e humanos vivendo juntas. Varíola, gripe, sarampo, malária, cólera, peste bubônica e tuberculose são exemplos de doenças de origem animal, que chegaram a nós por meio dos animais que domesticamos. Gripe aviária, vaca louca e agora a gripe suína são exemplos recentes do que acontece quando domesticamos animais, manipulamos sua reprodução e os mantemos aglomerados isolados de seu habitat natural. Eles se tornam um campo de organismos imunologicamente enfraquecidos. Um laboratório para o surgimento e proliferação de doenças infecciosas.

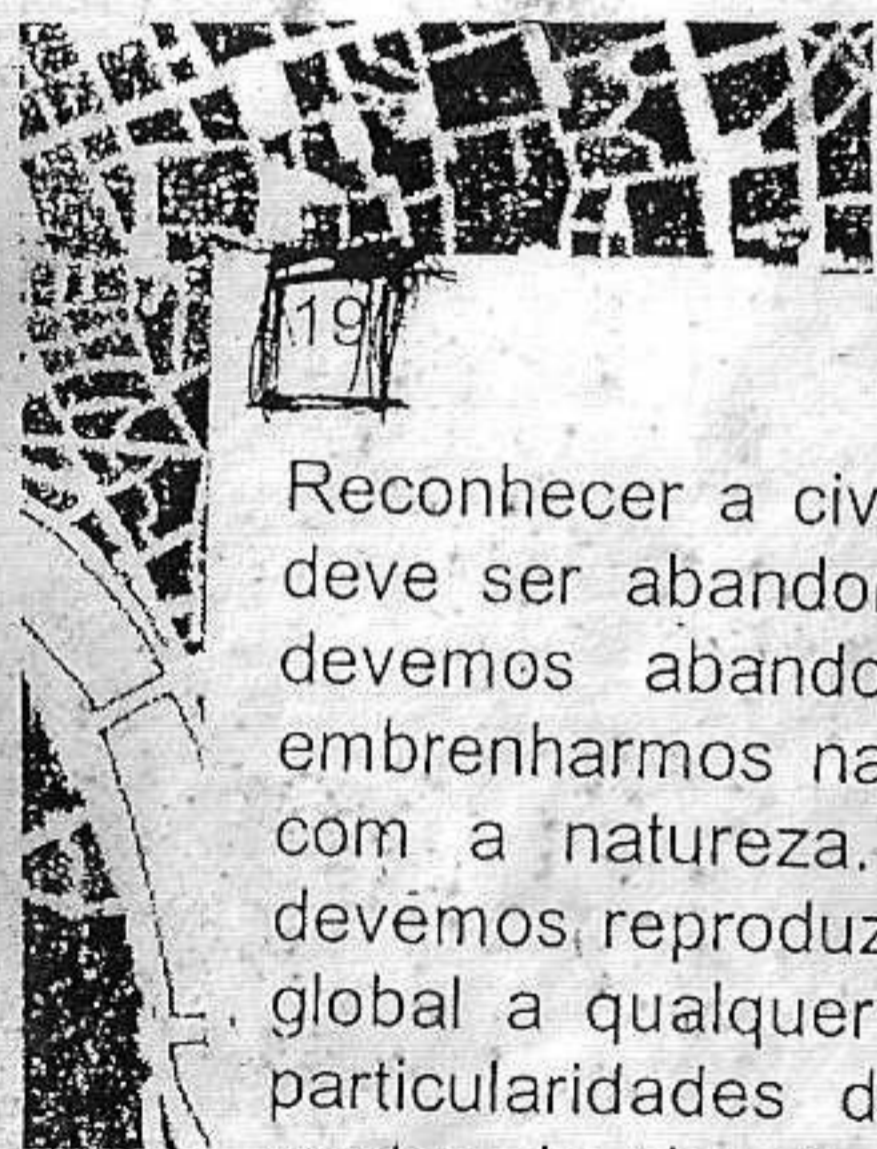
Com o passar dos anos, a ciência, a medicina e a tecnologia foram tentando amenizar esses efeitos colaterais. Novas técnicas agropecuárias, medicamentos, pesticidas, inovações em engenharia e arquitetura (esgotos, tratamento de água) foram introduzidos e os danos foram jogados para debaixo do tapete. No entanto, a produtividade e a aparente superação das consequências (jamais das causas) deixaram as pessoas confortáveis e cada vez mais confiantes no progresso e no desenvolvimento da civilização. Quando nos envolvemos em uma causa, é bom que saibamos distinguir quando ela está apenas sendo reformista (e, obviamente, trabalhando a favor da manutenção do sistema) ou quando ela está rompendo com a doutrina dominante e criando novas possibilidades de fato.

O movimento operário não ameaça o sistema lutando por melhores salários e garantias, assim como o movimento estudantil não ameaça nada lutando por passe livre para estudantes e trabalhadores. Eles simplesmente contribuem para o reajuste dos processos de exploração. O que eles tentam combater é a consequência de se institucionalizar a propriedade privada, a divisão social do trabalho, o industrialismo, a sociedade de massas e o estado que tem como função administrar e manter tal ordem. Não defendo que quem milita nessas frentes esteja equivocada em lutar por isso. Digo que estão equivocadas apenas se elas se considerarem revolucionárias ou trabalhando por uma ruptura real com o statu quo.

Nem todas as lutas são úteis, e algumas podem ser eternizadas e usadas pelo sistema para se perpetuar. Para o poder, mais útil ainda é quando ajustes surgem do paternalismo dos governantes e não a partir de uma demanda popular – o que pode culminar em revoltas maiores e questionamentos mais profundos. Getúlio Vargas, por exemplo, sabia disso ao instituir as leis trabalhistas que vigoram até hoje no Brasil. Um explorado com mais direitos e remunerações tende a se sentir mais confortável em sua miséria social e humana e a ser menos rebelde do que o explorado que se vê encurralado pela rotina

de trabalho, sem dinheiro e direito à saúde, ensino, férias e outros subornos. Ao mesmo tempo em que a cooptação por meio desses "direitos" apazigua os ânimos dos trabalhadores, a máquina funciona melhor se suas "peças" forem tratadas melhor.

Não devemos então confundir com luta revolucionária uma reforma nos meios de exploração das pessoas e do resto da natureza. Aparar as arestas do sistema é torná-lo mais adaptável às pessoas – e nós a ele –, perpetuando sua existência.



19

Reconhecer a civilização como um projeto fadado ao fracasso, que deve ser abandonado na maior escala possível, não significa que devemos abandonar o ambiente urbano imediatamente e nos embrenharmos na mata se quisermos viver uma vida em harmonia com a natureza. Negar a civilização significa negar que todos devemos reproduzir o mesmo estilo de vida insustentável em escala global a qualquer custo, sem respeitar a diversidade cultural e as particularidades de cada ambiente e ecossistema nos diferentes pontos do planeta. A diversidade é fundamental para a sobrevivência da vida na Terra, uma vez que protege os biomas de serem prejudicados gravemente por mudanças climáticas, escassez de recursos, dentre outros fenômenos. Se todos consumirmos os mesmos recursos, demandarmos os mesmos serviços, padronizarmos todos os ambientes, expandirmos as cidades até que elas e os locais tomados pela agropecuária que a sustenta cubram todo o planeta estaremos, ecologicamente falando, andando em uma corda bamba. Considerando que a nossa população tem aumentado cada vez mais rapidamente, num futuro próximo restará apenas uma enorme população humana, cercada somente pelos vegetais e animais domesticados que a alimenta.

Paradoxalmente, a única coisa que todos devemos fazer é parar de achar que todos devemos fazer as mesmas coisas e reconhecer que não há uma regra universal na qual devemos nos enquadrar. Não interessa o lugar: São Paulo, Chicago, Istambul, Pequim ou Joanesburgo, dentro do capitalismo estamos convencidos de que nos sentiremos insatisfeitos se não tivermos os mesmos empregos, se não possuímos os mesmos produtos, se não consumirmos as mesmas comidas, se não tivermos acesso aos mesmos entretenimentos. Desprezando as peculiaridades de cada cultura, de cada bioma e de cada indivíduo, despendemos muito mais energia para nos enquadrar em padrões mundiais. Até o dia em que todo o mundo gire sob o signo do mesmo deus, da mesma moeda, das mesmas empresas, das mesmas instituições – monoteísmo,

monopólio, monocultura, monogamia, monotonia... Negar a civilização significa reabrir espaço para a pluralidade e abrir mão da uniformidade.



20

Quando uma adolescente de classe média se compara às jovens marginalizadas em sua sociedade, normalmente pensa que está em uma posição privilegiada e que seria justo lutar para que essas jovens tenham as mesmas oportunidades que ela. Pensa que todos deviam ter direito a uma escola, a poder escolher entrar em uma universidade e a ter um emprego decente com um salário digno. Esse é o sentimento que percorre as veias de quem ainda acredita no sistema e que o seu problema é não enquadrar todos com os mesmos "privilégios". Tal pensamento abre precedente para que acreditemos nas reformas como maneira de nos livrar da miséria que acomete toda a sociedade, e para que continuemos confiantes de que na linha do progresso estamos melhor que ontem e amanhã estaremos melhor que hoje.

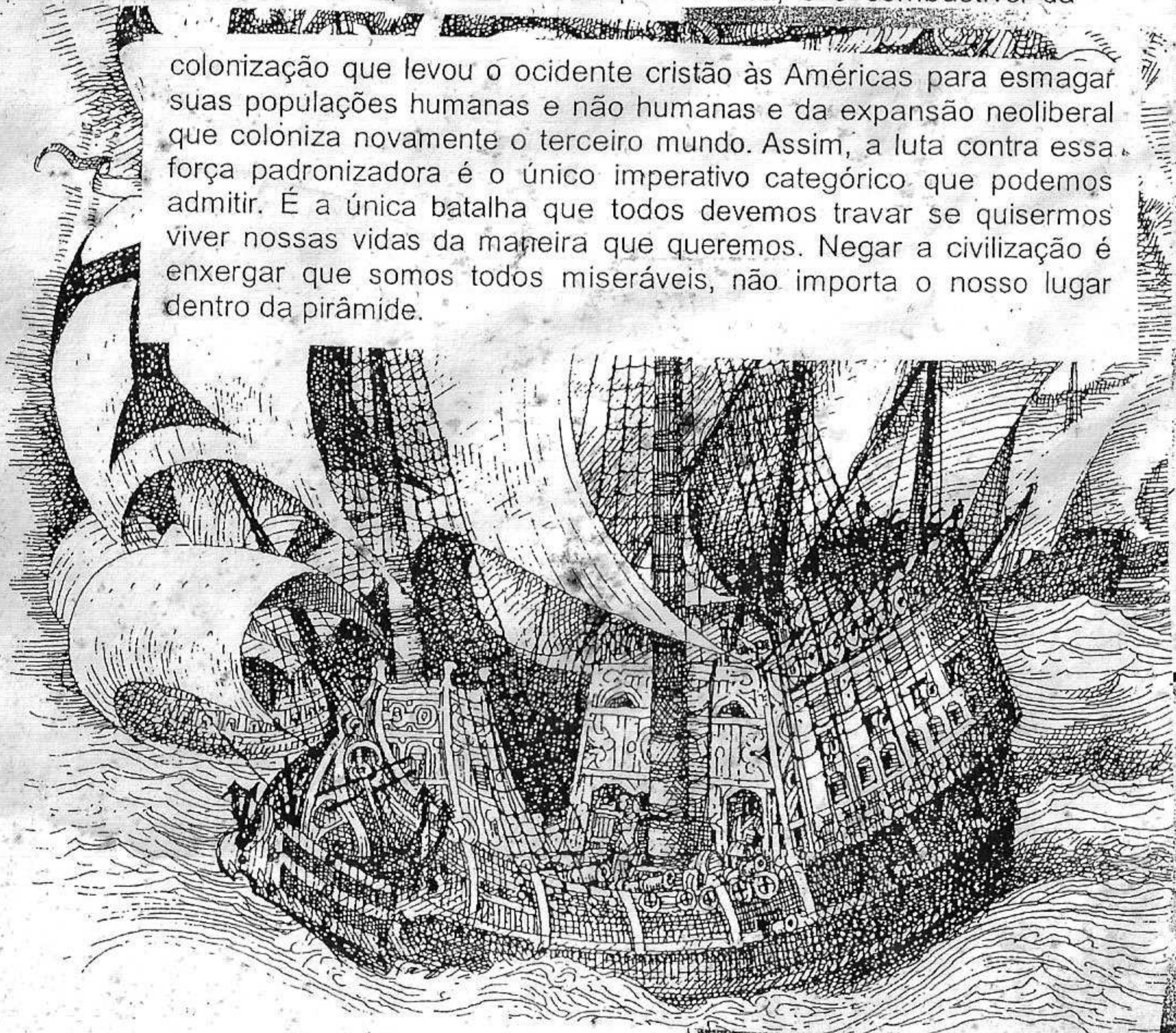
O homem não está numa posição muito melhor do que a mulher em uma sociedade machista, nem o trabalhador está muito pior que o patrão em uma sociedade burguesa. Todos são oprimidos e a aparente vantagem que uns temos sobre os outros – como estar em um lugar mais privilegiado na pirâmide – é apenas um suborno do poder que nos mantém presos e ideologicamente divididos, evitando que nos unamos para destruir essa ordem que nos domina também quando nos ensina a dominar. Negar isso significa correr o risco de acharmos que a solução para a desigualdade passa pela "democratização" dos privilégios que o homem e o burguês têm sobre a mulher e o empregado – como se a situação dos primeiros fosse o ideal a ser alcançado por ser melhor que a do restante.

Somos todos miseráveis!



Para nós, pode estar bem claro que uma mudança relevante não significa uma troca de papéis - classe operária ou mulheres assumindo o poder - mas a superação dessas relações de poder. Do mesmo modo, enxergar uma classe social, um país desenvolvido, onde saúde, educação e renda são mais bem distribuídas, ou qualquer situação aparentemente mais confortável dentro da civilização como um ideal a ser alcançado por toda a sociedade, é não apenas uma visão reacionária, mas também uma ilusão muito nociva. O fato de que buscamos uma maneira única de se viver não pode ser uma escolha sustentável para um planeta tão diverso, mesmo que todos desfrutem do que consideramos privilégios. A ideologia padronizadora é a força motriz da destruição da diversidade cultural e natural que é essencial para a vida; é o combustível da

colonização que levou o ocidente cristão às Américas para esmagar suas populações humanas e não humanas e da expansão neoliberal que coloniza novamente o terceiro mundo. Assim, a luta contra essa força padronizadora é o único imperativo categórico que podemos admitir. É a única batalha que todos devemos travar se quisermos viver nossas vidas da maneira que queremos. Negar a civilização é enxergar que somos todos miseráveis, não importa o nosso lugar dentro da pirâmide.



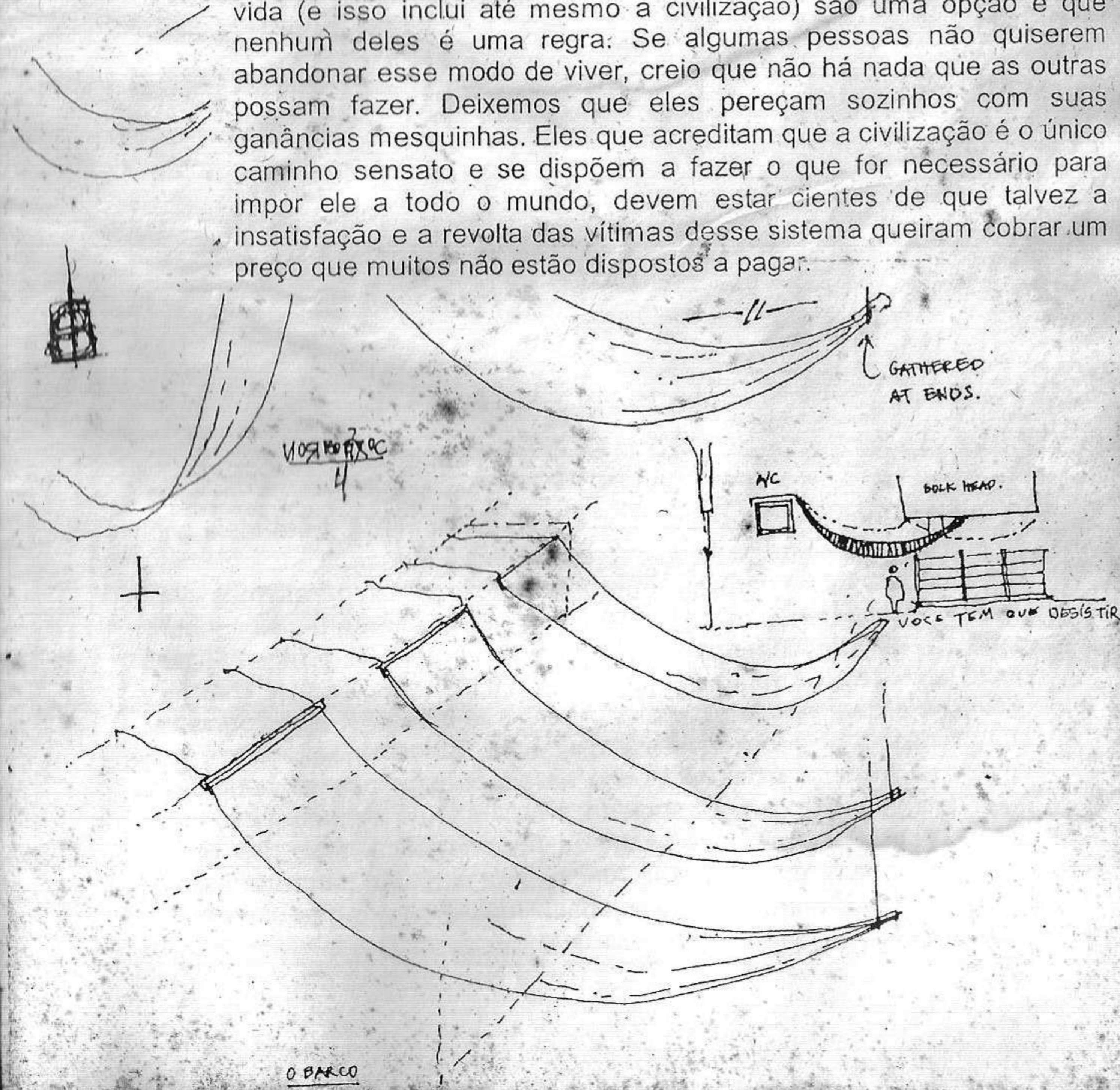
ade

- levels of intervention - cloth fabric city -

21

- shop -

A civilização foi tão longe e se tornou tão hegemônica também por causa da convicção de seus membros na crença de que ela é o melhor e o único modo correto de se viver. As Cruzadas, o colonialismo das Américas e a recente expedição norte-americana no Iraque são alguns poucos exemplos desse sentimento que divide e rivaliza os seres humanos, cada um acreditando ser o possuidor da verdade à qual todos devem se submeter. Se cada um aplicasse suas verdades em sua vida, ao invés de forçar todos os outros a praticá-las também, provavelmente não estaríamos tão encrocados como estamos agora. Negar a civilização é aceitar que todos os modos de vida (e isso inclui até mesmo a civilização) são uma opção e que nenhum deles é uma regra. Se algumas pessoas não quiserem abandonar esse modo de viver, creio que não há nada que as outras possam fazer. Deixemos que eles pereçam sozinhos com suas ganâncias mesquinhas. Eles que acreditam que a civilização é o único caminho sensato e se dispõem a fazer o que for necessário para impor ele a todo o mundo, devem estar cientes de que talvez a insatisfação e a revolta das vítimas desse sistema queiram cobrar um preço que muitos não estão dispostos a pagar.



O BARCO

POS

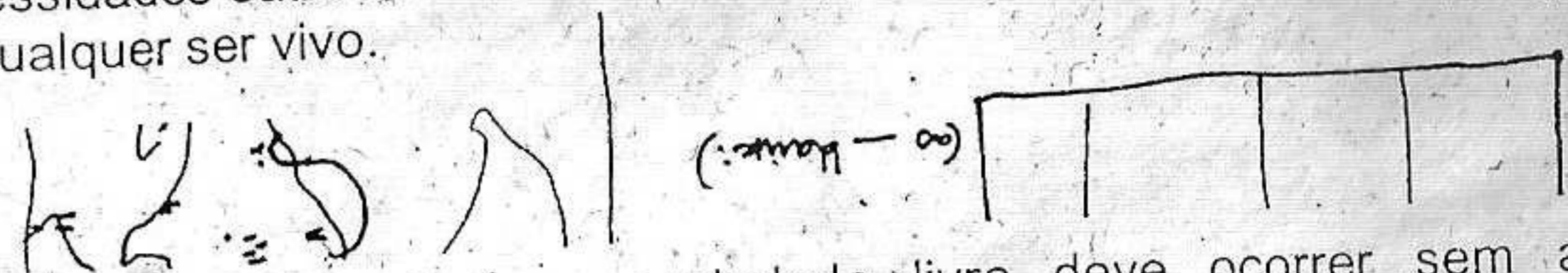
FÁC

POSFÁCIO

Selvageria: Anarquia na prática

A anarquia não é para ser pensada, é para ser vivida. Esta ideia vai de encontro com boa parte do que é chamado de anarquismo hoje em dia. Anarquia não é para ser uma organização social formal, mas sim a ideia de que nenhuma organização formal é necessária, ou sequer benéfica. Por um lado, anarquia não significa a falta ou a negação de qualquer ordem social, mas sim o descompromisso racional com tal ordem. A ordem social pode existir sem que tenhamos que formular sua existência por convenções e conceitos. Tal ordem está presente em todas as populações, de todas as espécies, e não só naquelas que dominam o conceito de sociedade ou a arte do discurso verbal. E essas sociedades não funcionam de forma caótica, mas têm uma organização funcional prática. Ainda que nenhum membro saiba explicar como e porque uma sociedade funciona, isso não a impede

de funcionar. E mais, a falta de necessidade de explicar e dissecar o funcionamento da sociedade pode ser explicada pelo simples fato de que as sociedades funcionavam muito bem, as pessoas tinham suas necessidades satisfeitas tão naturalmente quanto seria de se esperar de qualquer ser vivo.



O funcionamento de uma sociedade livre deve ocorrer sem a interferência coercitiva de qualquer instituição cultural. Sua organização é natural, pois emerge das relações entre indivíduos, ultrapassando qualquer conhecimento que os indivíduos possam ter sobre si mesmos, a soma de suas individualidades ou os fatores ambientais que os afetam. Tudo isso é pensado sem que seja explicado, é o que chamamos de intuição.

Mapping of deliberating conversations - of context

Uma sociedade construída primariamente pelo discurso formal é sempre mais limitada do que uma sociedade construída pelo diálogo direto entre membros e meio ambiente, porque o discurso formal é sempre menos complexo, é sempre uma redução do real a um modelo ideal. O que funciona em nossas mentes não é necessariamente o que vai funcionar no mundo real. Não é de se espantar que sociedades fundadas no discurso formal tendam a se desmantelar. Isto não quer dizer que o discurso em si seja algo maléfico, apenas que não é uma ferramenta tão boa quanto o diálogo direto entre prática e a natureza para construir culturas sustentáveis.



A anarquia não é uma monarquia sem reis, nem uma monarquia onde todos são reis, ou qualquer outra forma de organização deste tipo. Anarquia é a ausência de qualquer arquitetura social criada pelo homem e para o homem. Neste sentido, qualquer sociedade regida por princípios discursados é antropocêntrica, uma vez que tais princípios só podem ser expostos em termos humanos. A ordem anárquica é livre para emergir do caos da tentativa e erro, ao invés da imposição das regras e pré-definições sobre o que é adequado a qual situação. O modo tribal foi selecionado por sua adaptação natural, não pelo seu embasamento teórico. Uma sociedade idealizada requer indivíduos ideais, e por isso estamos em constante e crescente conflito com aquilo que realmente somos.

Algumas coisas parecem que jamais funcionarão para sociedades humanas. Toda população humana que tentou promover uma cultura de acúmulo e expansão entrou em colapso, como a nossa está entrando. Podemos criar infinitas teorias sociais que podem conter os efeitos dessa tragédia, mas está claro que nossa situação só tende a piorar quanto mais insistirmos em permanecer com os mesmos fundamentos culturais, porque estes são insustentáveis. A anarquia é a desistência da grande luta da civilização: a luta para conquistar o

mundo. Esta luta deve ser abandonada, porque ela não pode ser vencida sem que nos destruamos no processo. Anarquia é tudo que sobra quando não há mais ninguém direcionando sua vida com discursos racionais e civilizados, NEM SEQUER VOCÊ MESMO. A autonomia e a liberdade de sermos realmente humanos exige que sejamos selvagens, e isto não quer dizer nada além de deixar que a sociedade humana seja uma criada em conjunto com os seres humanos que nos cercam e dos quais dependemos. Ser selvagem não significa ser violento, estúpido ou caótico. Significa não ser domesticado, não ser formado por estruturas meramente humanas, que são inevitavelmente restritivas. Uma sociedade realmente livre, enquanto for parte integrante deste planeta, deve surgir numa cooperação de esforços e de interesses entre homem e natureza, e não apenas ser criação humana, feita para beneficiar humanos em detrimento de todas as outras espécies.

Uma anarquia pragmática significa deixar a realidade falar por si só sobre como uma sociedade pode ou deve ser. O especismo criou a ideia de que o universo inteiro foi criado para nosso exclusivo benefício. Igualmente errado seria dizer que nossos interesses são menos importantes que os interesses dos outros seres vivos. A questão não é que interesses devemos priorizar, e sim o fato de que os interesses de todos os seres vivos só surgiram como tais por adaptação, e não podem se manter por muito tempo se entrarem em conflito com o que já estava funcionando antes deles. É nesse ponto que o pragmatismo pode ser inspirador, pois ele nega as verdades universais e considera apenas aquilo que funciona, temporariamente e localmente. Então ao invés de tentar formular uma utopia anarquista, podemos improvisar uma nova cultura, cada ação como um passo de uma dança sem coreografia, um verso livre de uma poesia escrita a várias mãos, uma história interativa contada entre amigos, ou uma transa entre amantes interessados nas sensações de prazer de ambos, e não na eficiência mecânica do ato.

## Possíveis ferramentas para futuros debates:

### Livros

Ismael – Daniel Quinn  
Não verás país nenhum – Ignácio Loyola Brandão  
Armas, germes e aço – Jared Diamond  
As veias abertas da América Latina – Eduardo Galeano  
O Jardim das Peculiaridades – Jesus Sepúlveda  
Endgame – Derrick Jensen  
Days of War, Nights of Love – Crimethinc  
Expect Resistance – Crimethinc

### Blogs

vocetemquedesistir.noblogs.  
umanovacultura.blogspot.com  
pequenaameaca.blogspot.com  
ecoveganismo.blogspot.com  
coordinadoraxliberacionanimal.blogspot.com  
dofundo.noblogs.org  
dissolvecoagula.blogspot.com

### Sites

vocetemquedesistir.org  
gato-negro.org  
ervadaninha.sarava.org  
permacultura.org.br

### Wikis

pt-br.protopia.wikia.com  
rarbh.wikispaces.com

## Quem Somos

*Você Tem Que Desistir* é uma estratégia de vida para algumas de nós que já tentaram ser trabalhadoras, estudantes, ativistas, punks, musicistas, escritoras, atrizes, permacultoras, chefs de cozinha vegana, mas concluíram que não são nada se não forem tudo ao mesmo tempo.

Abandonamos o "ativismo" por percebermos que a única coisa útil que podemos fazer em nosso maior gesto de altruísmo é nos libertar. Temos que nos sentir livres para sentirmos que também livramos. Apostamos em várias formas de expressão para entrar em contato com o mundo exterior. Escrevemos, cantamos, atuamos, cozinhamos, pintamos e festejamos para transformar e nos fazer sentir. Para nós, o *Faça Você Mesm@* não é só o modo como nos entretemos no fim de semana. É a forma como retomamos de volta nossas vidas a todo instante.

Nosso estilo de vida não é em si exemplo para ninguém e ninguém precisa fazer o que fazemos, mas pretendemos como indivíduos e como coletivo mostrar que não há apenas uma forma de viver e que devemos abandonar o máximo que pudermos do que aprendemos a fazer e desejar nessa cultura que dominou toda a face do planeta.

Desistimos de ser inteligentes, de ser bonitas, de ser ricos. Cansamos de reciclar e de separar o lixo. Não precisamos fazer menos ou as mesmas coisas, precisamos achar outras coisas pra fazer. Se o futuro não está escrito, quem vai escrever o nosso? Nós ou "ELES"?